

A ARGUMENTATIVIDADE NO TEXTO NARRATIVO OU “A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS”

LUCIANE MANERA MAGALHÃES
(UFJF)

RESUMÉ

Cet article parle des rapports entre les recours de la Rhétorique et de l'Argumentation avec la compréhension du texte par le lecteur. J'ai pris le livre «La Vraie Histoire des Trois Petits Cochons», de Jon Scieszka, comme objet de réflexion et d'analyse. Mon but est de discuter des apports des études autour de la Rhétorique et de l'Argumentation à la pratique pédagogique du professeur «de lecture».

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir as relações dos recursos retóricos e argumentativos com a legibilidade do texto para o leitor. Para tanto, tomei a narrativa¹ “A Verdadeira História dos Três Porquinhos” de Jon Scieszka (tradução, para o português, de Pedro Maia), enquanto objeto de reflexão e análise. O objetivo central da análise é salientar as possíveis contribuições dos estudos acerca da retórica e da argumentação enquanto base teórica para a reflexão da prática pedagógica do professor “de leitura”.

Kleiman (1992), ao discutir leitura e aprendizagem, destaca que a compreensão nas etapas iniciais de aprendizagem “... não se dá necessariamente durante o ato de ler da criança, mas durante a realização da tarefa, na interação com o professor, ao propor atividades que criam condições para o leitor em formação retomar o texto e, na retomada, compreendê-lo” (p.9). Acredito que este trabalho é também desejável com alunos em etapas não iniciais da aprendizagem. Desvendar os caminhos trilhados pelo autor ao escrever seu texto ajuda, e muito, ao aluno-leitor a ampliar sua capacidade leitora e contribui com à sua formação enquanto “escritor”.

Ressalte-se, porém, que a discussão aqui apresentada não é modelo para a ministração de uma aula de leitura, mas sim uma análise dos recursos retóricos e argumentativos que poderão nortear o trabalho do professor.

Gostaria, ainda, de esclarecer que não estou propondo a desconstrução do texto literário, muito menos apontando para um trabalho de didatização da literatura na escola. Ao

¹ Veja o texto anexo.

contrário, meu objetivo é apontar algumas das muitas contribuições que a Retórica e a Semântica Argumentativa têm a oferecer ao professor para fundamentar uma prática pedagógica de leitura que se queira crítica e eficaz.

Este artigo está dividido em quatro seções. No primeiro, retomo sucintamente os estudos acerca da Retórica e explico suas contribuições no campo do ensino da leitura. Na segunda, apresento as mudanças de concepção acerca da tipologia dos textos, destacando o caráter peregrino da argumentatividade nos mais diversos tipos textuais. Na terceira seção, enfoco as relações entre a intertextualidade e a legibilidade do texto para o leitor. Por último, apresento a análise dos aspectos argumentativos presentes na narrativa “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”.

1- A RETÓRICA: DA ESTANTE À SALA DE AULA

*A arte do discurso persuasivo implica
a arte de compreender
e possibilita
a arte de inventar*
(Reboul)

Devido à sua história, a Retórica ficou sendo vista como um termo pejorativo, cujo significado passa pela arte de falar bem ou, como já ouvimos dizerem, de “enganar bem”. É comum ouvirmos comentários acerca de políticos que fazem referência à Retórica: “Fulano tem uma bela retórica, mas na hora que espreme não sai nada”, ou seja, Fulano fala muito bem, porque se utiliza a retórica, porém não há conteúdo naquilo que fala. Como afirma Reboul (1998), “para o senso comum, retórica é sinônimo de coisa empolada, artificial, enfática, declamatória, falsa”. Percebe-se, assim, uma estreita vinculação entre a retórica e o embelezamento do texto (seja oral ou escrito), em outras palavras, a retórica passa a ser um “tratado de ornamento”².

No começo da década de 60, a Retórica foi redescoberta por acadêmicos que devolveram a nobreza ao termo. Por um lado, Perelman e Olbrechts-Tyteca retomam a Retórica enquanto arte de argumentar, tendo como objetivo convencer, e, por outro lado, Morier, Genette e Cohen a consideram como estudo do estilo e das figuras, ou seja, ela constitui aquilo que torna literário um texto (cf. Reboul, 1998).

Segundo Citelli (2000), o novo papel da Retórica está vinculado a estes dois pólos, isto é, o do estudo das figuras de linguagem e o das técnicas de argumentação. Em outras palavras, as figuras de retórica são tomadas como importantes recursos para prender a atenção do interlocutor nos argumentos articulados pelo discurso.

Não se pode falar em Retórica sem considerar as valiosas contribuições de Aristóteles, que a reabilitou ao integrá-la numa visão sistemática do mundo. Nas palavras de Reboul

² Expressão utilizada pelo Prof. Dr. Eduardo Guimarães (IEL/UNICAMP), em apontamentos de aula, durante o Curso “Semântica Argumentativa” (2000).

“Aristóteles transformou a própria retórica num sistema”. Nesse sistema, a Retórica é decomposta em quatro componentes de um discurso: invenção, disposição, elocução e ação.

A *invenção* diz respeito à busca do orador dos argumentos e meios de persuasão relativos ao tema do discurso em questão. Há três tipos de argumento, sendo dois de ordem afetiva – *etos* (caráter que o orador deve assumir para conseguir a confiança do auditório) e *patos* (os desejos e emoções do auditório das quais o orador poderá tirar proveito) – e um de ordem racional: *logos* (argumentos que se integram no raciocínio silogístico e os que se fundamentam no exemplo).

A *disposição*, ordenação dos argumentos selecionados, é concernente à organização interna do texto, ou seja, é o plano de construção do discurso. Este plano pode ser dividido em quatro partes: *exórdio* (parte inicial do discurso, cuja função é fática), *narração* (exposição dos fatos), *confirmação* (conjunto de provas seguido por uma refutação) e *peroração* (finalização do discurso).

A terceira parte, denominada *elocução*, refere-se à redação do discurso, a qual deve ser acompanhada de regras de conveniência, clareza e vivacidade do orador. Por último, tem-se a *ação*, que se apresenta como o arremate do trabalho retórico, é a proferição, propriamente dita, do discurso. No caso do discurso escrito, a *elocução* e *ação* podem ser compreendidas como partes coincidentes.

Não obstante Reboul (1998) reconhecer que Aristóteles tenha reabilitado a Retórica ao integrá-la a uma visão sistemática do mundo, transformando-a num sistema, afirma que é possível utilizar a Retórica (hoje) sem fazer referência a este sistema (proposto por Aristóteles). Isto porque novas Retóricas surgiram a partir da década de 60, o que promoveu uma transformação na maneira de se conceber a Retórica. Ou seja, o objetivo da Retórica, centrado em (ensinar a) produzir discursos, passa a ser o de (ensinar a) interpretá-los. Não obstante essa mudança, acredito que o sistema em discussão pode servir de instrumento ao leitor para detectar pistas na identificação do caminho perseguido pelo autor do texto ao elaborá-lo, realizando uma leitura mais crítica e minuciosa.

Tomando-se o contexto escolar, penso que caberá ao professor, em um primeiro momento, identificar estas pistas para uma organização prévia do desenvolvimento de sua aula de leitura. E, em um segundo momento, na interação com o aluno-leitor, identificar parte do caminho trilhado pelo autor, uma vez que é impossível recuperar o processo como um todo, pois este não se apresenta no produto final.

2- TEXTO E ARGUMENTAÇÃO

*Todo enunciado diz algo,
mas o diz de um certo modo.*
(Vogt)

Por muito tempo a argumentação foi tomada, pelos pesquisadores e, conseqüentemente, pelos professores, como parte de uma tipologia textual sistemática, ou seja, acreditava-se, ingenuamente, na pureza dos textos do ponto de vista de sua estrutura, a qual obedeceria a

regras fechadas. Em outras palavras, acreditava-se que um texto narrativo era narração pura, jamais poderia ser considerado um texto argumentativo. Graças à Semântica Argumentativa, entre outros ramos da Linguística, hoje sabe-se que os gêneros discursivos não se apresentam puros e que, em maior ou menor grau, a argumentatividade perpassa todos eles. As próprias escolhas de inclusão ou de exclusão de termos e/ou informações são ideológicas, portanto argumentativas. Nas palavras de Koch (1984:19), “... a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende ‘neuro’, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade” (grifos da autora).

A argumentatividade é a essência própria da linguagem, a qual é dotada de intencionalidade. Segundo Perelman (*apud* Koch), esta intencionalidade pode manifestar-se como ato de *convencer* ou ato de *persuadir*. O primeiro, “dirige-se unicamente à razão, através de um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas”, conduzindo, assim, a certezas. O segundo, por sua vez, “procura atingir a vontade, o sentimento do(s) interlocutor(es), por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis” (1984:20), levando a inferências. Para Reboul (1998), esta distinção entre persuadir e convencer é “... excessivamente dualista, visto que opõe no homem o ser de crença e sentimento ao ser de inteligência e razão...”. Assim, Reboul (id) renuncia, até segunda ordem, à distinção entre convencer e persuadir e chama a atenção para os dois sentidos de persuadir: “levar a crer” e “levar a fazer”. O que o autor destaca é que ‘persuadir’, no sentido de “levar a fazer”, não é um recurso argumentativo, pois a argumentação “... visa sempre a levar a crer” (id.).

O texto que é objeto de estudo, neste artigo – “A verdadeira história dos três porquinhos” – aponta para o ato de persuadir no sentido de “levar a crer”; levar a crer que “... ninguém conhece a verdadeira história dos três porquinhos...”, ou seja, a história narrada pelo Lobo. A história vista do outro lado: o lado do vilão que, facilmente, passa a vítima graças ao poder argumentativo da linguagem.

É considerando que “... todo texto remete a outros textos no passado e aponta para outros no futuro” (Kleiman & Moraes, 1999), que faço algumas considerações acerca da intertextualidade.

3- INTERTEXTUALIDADE E LEGIBILIDADE DO TEXTO

*Um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude,
mas constrói-se através de um já-dito em
relação ao qual toma posição.*
(Maingueneau)

Intertextualidade, segundo Fiorin (1999), é “o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (p.30). Assim, “... todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis” (cf. Barthes *apud* Koch, 1997:46). Tomando-se a narrativa “A verdadeira história dos três porquinhos”, sabe-se que outros textos estão presentes nela, mas principalmente o Conto de Fadas, de forma altamente reconhecível,

por ser uma paródia. Ou seja, através da oposição, o texto original foi incorporado e transformado objetivando-se a produção do humor.

Segundo Fávero (1999), “paródia significa canto paralelo (de para = ao lado de e ode = canto), incorporando a idéia de uma canção cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto” (p.49). É o que se pode dizer do texto em estudo, é como se fosse o contracanto do Conto de Fadas, um contracanto que não pode ser entoado sozinho, pois se torna sem sentido. Assim, a construção do sentido do texto está diretamente ligada à intertextualidade, um dos fatores de legibilidade de um texto. Segundo Kleiman & Moraes (1999: 62),

“O significado de um texto não se limita ao que apenas está nele; seu significado resulta da interseção com outros. Assim, a intertextualidade refere-se às relações entre os diferentes textos que permitem que um texto derive seus significados de outros. Os textos incorporam modelos, vestígios, até estilos (no caso das paródias) de outros textos e de outros gêneros”.

A intertextualidade da narrativa “A Verdadeira História dos Três Porquinhos” com o Conto de Fadas “Os três porquinhos”, é a responsável primeira pela compreensão do leitor, pois sem conhecer o Conto, torna-se inócua a leitura da narrativa. O discurso do lobo não nasce solitário, mas conta com o conhecimento prévio do leitor (cf. Kleiman, 1995).

Segundo Kleiman & Moraes (1999), o leitor entende um texto porque é capaz de identificar traços e vestígios de outros textos, sejam mais próximos ou distantes, mais ou menos pertinentes. Para as autoras, “... a intertextualidade é um fenômeno cumulativo: quanto mais se lê, mais se detectam vestígios de outros textos naquele que se está lendo e mais fácil se torna perceber as suas relações com outros objetos culturais e, portanto, mais fácil é sua compreensão”. Assim, conhecer previamente o Conto de fadas, auxilia sobremaneira na compreensão da narrativa em questão, porém, o aluno-leitor já conhecedor do gênero paródia terá maiores chances de uma leitura mais enriquecedora do texto.

4- A HISTÓRIA VERDADEIRA...

“A Verdadeira História dos Três Porquinhos” apela ao sentimento do(s) interlocutor(es) (leia-se *invenção – etos e patos*), como se pode observar: *lobo resfriado fazendo um bolo de aniversário para sua querida e amada vovozinha*, ou seja, um exemplo de lobo que, não obstante estar resfriado, não se esqueceu do aniversário de sua vovozinha (querida e amada). Datas natalícias já mexem com o íntimo das pessoas, principalmente de uma vovozinha, que representa um ser meigo e indefeso (ou não se apresentaria no diminutivo). Note-se que não é qualquer vovozinha, mas provavelmente uma vovozinha muito boa, que merece um bolo de aniversário, pois é qualificada, insistentemente, de querida e amada, durante toda a narração.

“A verdadeira história do três porquinhos” é um texto narrado pela personagem principal – o Lobo – o qual, em todo o texto, argumenta em favor de sua inocência, mudando caricatamente o rumo da história original. A intenção do narrador – persuadir o leitor a

aderir aos argumentos apresentados - é marcada lingüisticamente através dos operadores argumentativos. Tal argumentatividade está presente desde o título até ao final da história.

O título do texto é um elemento contextualizador altamente polifônico, remete o leitor a um pressuposto: há uma história dos três porquinhos conhecida de todos. Isto é, o título anuncia ao leitor que o que se apresentará é, em parte, conhecido (pressuposto: a história dos três porquinhos) e, em parte, novo (posto: a verdadeira história dos três porquinhos), o que promove uma expectativa de leitura - assim como nas manchetes de jornais. Pode-se dizer que a escolha do título é, com certeza, uma escolha argumentativa, a qual é também marcada pela ilustração da capa do livro, que imita uma folha de jornal, inclusive com o título “O diário do lobo”.

A história é iniciada por uma afirmação plena: “Em todo o mundo, as pessoas conhecem a história dos Três Porquinhos” (leia-se *exórdio*), pressupondo o conhecimento prévio do leitor previsto pelo autor. A força desta primeira asserção vai diminuindo, paulatinamente, primeiro através da redefinição: “*Ou*, pelo menos, acham que conhecem” e, logo em seguida, com a introdução de um forte argumento: “... *porque* ninguém jamais escutou o *meu* lado da história” (grifo, não por acaso, do autor), a causa de ninguém conhecer a história verdadeira.

O narrador identifica-se não só como o lobo, mas um lobo que tem nome (Alexandre), sobrenome (T. Lobo) e até apelido (Alex), o que o diferencia, radicalmente, de um lobo qualquer, sem identidade. Note-se que este lobo já é conhecido, pois se apresenta como *o* lobo e não *um* lobo. A introdução da personagem pelo artigo definido *o* não é mero acaso, mas um recurso lingüístico que marca o dado, o já conhecido. Não é qualquer lobo a que se está referindo, mas ao lobo do Conto de Fadas Os Três Porquinhos. Porém, o lobo desta história é conhecido como *Mau*, impressão que logo começa a ser descaracterizada através do uso da adversativa *mas*: “Eu não sei como começou todo esse papo de Lobo Mau, *mas* está completamente errado” e da comparação: “Se os cheesburgers fossem uma gracinha, todos iam achar que *você* é Mau”. Destaque-se o uso da letra maiúscula para o adjetivo Mau, que passa a ser parte do nome, da identidade da personagem.

Se, por um lado, o lobo tem identidade, por outro, os três porquinhos não, pois são apresentados como *o Primeiro Porquinho* (p.13), *o Segundo Porquinho* (p.16) e *o Terceiro Porquinho* (p.19). A identidade deles é reconstruída pelo leitor a partir da intertextualidade no sentido restrito do tipo implícita (cf. Koch, 1997:49), ou seja, a partir do conhecimento prévio que o autor pressupõe tenha o leitor. Em outras palavras, o Primeiro Porquinho é o da casa de palha (em alguns livros denominado Palhaço), o Segundo Porquinho é o da casa de lenha (ou de pau) (conhecido como Palito) e, o Terceiro, é o da casa de tijolo (ou de pedra) (chamado de Pedrito). Note-se que, não obstante os porquinhos não serem apresentados com seus respectivos nomes (maneira de serem subestimados, como se fossem “qualquer um”), são introduzidos pelo artigo definido *o*, como se já fossem conhecidos (e certamente são!).

4.1- Os tempos verbais

Segundo Weinrich (apud Koch, 1984), os tempos verbais podem ser classificados em dois grupos, um referente ao que ele denomina *mundo comentado* (representado, princi-

palmente, pelo presente) e, o outro, *mundo narrado* (representado, principalmente, pelo pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito). Não obstante se narre uma história no pretérito, seja imperfeito ou perfeito simples, “no seu resumo empregar-se-á o presente, (...) porque o resumo (...) serve de base, habitualmente para se fazer a crítica – isto é, *comentar* a obra ou para facilitar a outros esta tarefa” (Koch, 1984). Tomando-se o texto narrativo, observar-se-á que não só o resumo apresentar-se-á no tempo presente, mas em todos os momentos de avaliação³ o tempo empregado também será o presente, pois são momentos em que o narrador pára de narrar e passa a comentar os fatos, avaliando-os: “... Ele *tinha construído* a sua casa toda de palha. Dá para acreditar? Quero dizer, quem tem a cabeça no lugar não *constrói* uma casa de palha.” Note-se que, enquanto há narração, o tempo está no pretérito, a partir do momento em que o narrador passa a comentar (avaliação), o tempo empregado é o presente. O tempo verbal muda também toda vez que o narrador apresenta cenários ou introduz personagens (orientação), como no exemplo que se segue: “...porque ninguém jamais *escutou* o meu lado da história. Eu *sou* o lobo. ...”.

Analisando o texto como um todo, observa-se o uso intercalado dos tempos verbais refletindo um movimento comentário-narração-comentário, como se a cada episódio narrado, o autor parasse e passasse a dialogar com o leitor, comentando e avaliando os fatos.

Enfim, o emprego dos diferentes tempos verbais não é aleatório: traduz ações diferentes: ora se narra ora se comenta. Os tempos verbais não exprimem Tempo, mas ações discursivas diversificadas.

4.2- Aproximação leitor/texto

Uma estratégia de aproximar o leitor do texto e, conseqüentemente, dos argumentos a serem postos é o uso do pronome de tratamento *você* (“...todos iam achar que *você* é Mau” (p.3) “*Você* não vai acreditar...” (p.16)) como se autor e leitor “interagissem” em uma conversa informal. Esta estratégia pode ser explicada também pelo fato de o autor ter se colocado como ouvinte do lobo (*A verdadeira história dos três porquinhos, tal como foi contada a Jon Scieszka* – capa do livro) estando, assim, apenas recontando o que o lobo lhe contara face-a-face.

Uma maneira de argumentar é trazer o leitor, já bem próximo do narrador, pois chamado de *você*, para mais perto ainda, através do uso de comparações, colocando o leitor em situação de “igualdade” com o lobo (note-se o uso das concessivas: “*Se* os cheeseburgers fossem uma gracinha, todos iam achar que *você* é Mau.” (p.3); “Imagine o porquinho como *se* ele fosse um grande cheeseburger dando sopa.”(p.12), ou seja, o leitor é levado a se comparar com o Lobo, personagem principal, que tenta defender seu ponto de vista durante toda a narrativa (de que é inocente, foi vítima de uma armação). Em outras palavras, humanos e lobos seriam iguais, pois precisam comer para sobreviver, porém humanos comem cheeseburgers (feitos de carne animal!) e lobos comem porquinhos e coelhos

³ Segundo Labov e Waletzky (1967), a estrutura narrativa pode apresentar dois grupos de funções: quanto à interlocução, entidade funcional (resumo, avaliação e coda) e relativas à narrativa propriamente dita, entidade formal (orientação, complicação e resolução)

(ou bichinhos engraçadinhos): é o confronto de duas maneiras de viver, a dos humanos e a dos lobos.

É interessante notar que, apesar de o lobo estar falando dele e se apresentando, ao falar de sua alimentação generaliza, para que fique bem claro que todos os lobos têm este hábito, assim como os humanos têm os seus: “Talvez seja por causa de *nossa* alimentação. (...) se *os lobos* comem (...) *nosso* jeito (...)” (p.3). Esta generalização nada mais é que uma forma de impessoalizar as ações e se distanciar delas.

Uma outra estratégia de aproximação é a tentativa de o lobo se igualar aos humanos, através de suas atitudes, isto é, através de sua humanização: a) “Era o mesmo que *repetir um prato*...” (p.17), sabe-se que humanos é que repetem pratos; b) “...os repórteres descobriram que eu tinha *jantado* os outros dois porcos.” (p.22), sabe-se, também, que animais não jantam, comem (ou devoram sua caça).

4.3- O uso da adjetivação

Outro recurso argumentativo utilizado pelo autor é a adjetivação, seja para se proteger, seja para acusar:

– *para proteger*: a) “...*querida* e *amada* vovozinha”. Note-se que o autor poderia não adjetivar, mas se uma vovozinha já mexe com íntimo de qualquer leitor, quanto mais uma querida e amada; porém, cabe destacar que, se por um lado, o autor explora o sentimento do leitor ao adjetivar *vovozinha*, por outro, pode-se notar que é um uso irônico, uma paródia à fala dos humanos.

b) “E acharam que a história de um sujeito *doente* pedindo açúcar...”. Destaque-se que, em uma escala de valores, *sujeito doente* caracteriza uma situação pior que *sujeito resfriado*;

– *para acusar*: “Agora, esse vizinho era um *porco*” (p.7). Analisando canonicamente a frase, teríamos a palavra *porco* como um substantivo, porém um olhar mais crítico induz a uma leitura mais profunda, revelando sua função adjetiva predicativa usado no sentido figurativo (indivíduo sujo, imundo). O que leva a esta análise é a presença do advérbio *agora*, marcador conversacional, também utilizado argumentativamente, ou seja, não como advérbio de tempo, mas como uma conjunção (*porém* ou *mas*). Se não fosse esta a intenção, porque, então, ao introduzir o lobo e os porquinhos, introduz-se com o artigo definido ao invés do indefinido? Ou porque não apresentar com a letra inicial maiúscula, como faz no restante do texto? A frase a seguir vem confirmar esta hipótese com o uso da aditiva *e*, que acrescenta o novo argumento e, do advérbio *também*; que reforça este novo argumento: “Agora, esse vizinho era um porco. *E* não era muito inteligente *também*.” (p.7) Ou seja, além de porco (imundo) não era inteligente (no lugar de burro, que seria um termo pesado para um narrador que tenta mostrar-se polido).

– “E sabe o que aquele leitãozinho *atrevido* me respondeu?” (p.18), nesta passagem, o leitãozinho, desprotegido e indefeso do Conto de Fadas, passa a ser o vilão da história.

4.4- O uso da justaposição

Um recurso argumentativo utilizado pelo autor é o uso da justaposição sem partículas, ou seja, “... o lugar do conector ou partícula é marcado, na escrita, por sinais de pontuação” (cf. Koch, 1989), no caso do ponto final.

Analisando a distribuição textual da narrativa, observa-se que, em alguns momentos, o uso do ponto final aparece com o objetivo de causar impacto, obrigando o leitor a parar e, conseqüentemente, vivenciar o suspense proposto pelo autor: “Foi quando meu nariz começou a coçar. Senti o espirro vindo. Então inflei. E bufei.” (p.9). Ou seja, ao narrar a seqüência de fatos, que poderiam ser descritos todos em orações interligadas por conectivos, opta-se pelo uso do ponto final, maneira de destacar os fatos narrados.

Observa-se o uso da justaposição também com o objetivo de graduar, em ordem crescente, a importância da personagem apresentada: “Eu sou o lobo. Alexandre T. Lobo. Pode me chamar de Alex” (p.2). Note-se que as informações são acrescidas, paulatinamente, ao invés de se apresentarem em uma só frase, como, por exemplo: “Eu sou o lobo Alexandre, mas pode me chamar de Alex”. Ao mesmo tempo que há um crescendo na apresentação (lobo para Lobo, acrescido do nome), há uma aproximação do leitor, ao qual é permitido chamar o lobo pelo seu apelido.

Assim, a coerência do texto é construída pelo leitor que, através de seus conhecimentos lingüísticos e enciclopédicos, é desafiado a reconstituir o movimento proposto pelo autor “...estabelecendo mentalmente as relações semânticas e/ou discursivas” (Koch, 1991).

4.5- O uso da repetição

A repetição é utilizada, argumentativamente, para dar ênfase a aspectos considerados importantes pelo autor, como o fato de reafirmar, sempre que possível, que a história que se está narrando é a verdadeira (“Ninguém conhece a *história verdadeira*...” (p.1), “Esta é a *verdadeira história*.” (p.5), “Esta é a *verdadeira história*.” (p.22)) e o fato de o lobo ser mau é falso (“...mas está completamente *errado*.” (p.2), “...todo esse papo de Lobo Mau está *errado*.” (p.4)), Constrói-se, assim, a oposição certo, verdadeiro/errado.

4.6- Indicadores modais (de modalidade):

A modalização diz respeito ao modo como aquilo que se diz é dito, ou seja, é a sinalização do modo como o discurso se apresenta, a marca dada pelo sujeito ao seu enunciado. A fala do lobo é marcada pela insistência de que ele crê no que diz, persuadindo o leitor a tomar a mesma posição: “*É claro que*, assim que bati, a porta caiu.” (p.8). A frase poderia ser: “Assim que bati, a porta caiu.”, porém sem a presença da modalização, o objetivo de levar o leitor a concordar com a inocência do lobo não seria alcançado.

Em “*Na certa* você sabe que a comida estraga se ficar abandonada ao relento.” (p.17), busca-se a concordância por parte do leitor de que aquilo que se afirma é certo (uso do modalizador de certeza). “Quando a polícia chegou, *é evidente* que eu estava tentando arrebentar a porta daquele Porco.” (p.20), neste trecho é destacada a evidência da informa-

ção dada. Mais uma vez a ausência da modalização mudaria o curso da argumentação do texto.

Uma maneira de introduzir a dúvida no enunciado é a utilização do advérbio *talvez*: “*Talvez* seja por causa de nossa alimentação.” (p.3), isto é, a alimentação do lobo pode ser a causa dele ser chamado de Mau, mas esta não é asseverada diretamente.

4.7- Os operadores argumentativos

A expressão *operadores argumentativos* tem sua origem na Semântica Argumentativa, com os trabalhos de Oswald Ducrot. Os operadores argumentativos designam determinados elementos gramaticais de uma língua que “...têm por função indicar (“mostrar”) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam.” (cf. Koch, 1992:30). Alguns desses elementos são analisados a seguir, em contextos de uso extraídos do texto ficcional.

– O uso do MAS

Segundo Ducrot (*apud* Koch, 1992), MAS é o “operador argumentativo por excelência”, pela sua força argumentativa no discurso. O seu funcionamento no discurso é comparado, por Ducrot, ao uso de uma balança de pratos (metáfora da balança), ou seja, “o locutor coloca no prato A um argumento (...) com o qual não se engaja, (...) a seguir, coloca no prato B um argumento contrário, ao qual adere, fazendo a balança inclinar nessa direção (ou seja, entrechocam-se no discurso ‘vozes’ que falam de perspectivas, de pontos de vista diferentes (...))”. Em outras palavras, “o locutor introduz em seu discurso um argumento possível para uma conclusão R; logo em seguida, opõe-lhe um argumento decisivo para a conclusão contrária não-R (~R).” (cf. Koch, 1992:35).

Seguem-se alguns exemplos do emprego do mas:

– “Em todo o mundo, as pessoas conhecem a história dos Três Porquinhos. Ou, pelo menos, acham que conhecem. *Mas* eu vou contar um segredo. Ninguém conhece a história verdadeira, ...” (p.1):

X → as pessoas conhecem a história dos Três Porquinhos - é a história verdadeira

mas Y → ninguém conhece a história verdadeira

– “Eu não sei como começou todo esse papo de Lobo Mau, *mas* está completamente errado.” (p.2):

X → todos dizem que o Lobo é Mau

mas Y → está completamente errado

– “*Mas* como eu estava dizendo, ...” (p.4) → marcador de fechamento de digressão: volta ao assunto anterior

– “Ele era um pouco mais esperto, *mas* não muito.” (p.13) → adversativa: apesar de o Segundo Porquinho ser um pouco mais esperto, não é muito mais.

– “E tentei cobrir minha boca, *mas* soltei um grande espirro.” (p.15)

– “Você não vai acreditar, *mas* a casa desse sujeito desmoronou igualzinho à do irmão dele.” (p.16)

X → Você não vai acreditar (= pode parecer mentira)

Mas Y → a casa desmoronou (verdade)

– “Sabe, sou um cara geralmente bem calmo. *Mas*, quando alguém fala desse jeito da minha vovozinha, eu perco a cabeça.” (p.20)

X → sou um cara calmo

mas Y → perco a cabeça

– O uso do ENTÃO

O advérbio *então* é um conectivo, muitas vezes utilizado para dar continuidade a um discurso, porém no texto analisado nota-se o uso deste advérbio como introdução de uma conclusão: “Seria um desperdício deixar um presunto em excelente estado no meio daquela palha toda. *Então* eu o comi.” (p.12) “Na certa você sabe que a comida estraga se ficar abandonada ao relento. *Então* fiz a única coisa que tinha de ser feita.” (p.17)

– O uso do APENAS

O operador *apenas* é utilizado com o objetivo de minimizar os fatos referentes às atitudes do lobo como em : “É *apenas* o nosso jeito de ser” (p.3). O advérbio, nesta frase, poderia ter sido suprimido, mas com certeza a frase não alcançaria o efeito argumentativo que tem.

– O uso do E

O uso do conectivo *e* marca a argumentatividade do texto, pelo menos em dois momentos, 1) utilizado no lugar do MAS: “Mas estava um pouco melhor do resfriado. *E* eu ainda não conseguira aquela xícara de açúcar para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha.” (p.17) e 2) utilizado, no lugar da vírgula, para amenizar a última informação da frase: “E todo o tempo eu estava inflando, bufando e espirrando *e* fazendo uma barulheira.” (p.20). Destaque-se que até a distribuição gráfica da frase faz com que o leitor acredite que a frase será concluída em “espirrando”, pois a parte “e fazendo uma barulheira” se apresenta na linha seguinte, mesmo havendo espaço na linha anterior.

Em resumo, “A verdadeira história dos três porquinhos” é uma narrativa altamente argumentativa. O texto começa com a tese inicial de que ninguém conhece a verdadeira história dos três porquinhos, a qual é defendida no desenrolar de toda a narração juntamente com a tese principal de que o lobo é inocente. Assim, tem-se:

– *tese inicial*: ninguém conhece a verdadeira história dos três porquinhos,

– *argumento*: porque ninguém jamais (enfático) escutou o lado do lobo na história;

– *tese principal*: inocência do lobo,

– *argumentos da tese principal*:

– *argumento 1*: papo de lobo mau está errado,

– *explicação*: talvez seja por causa de nossa alimentação, nosso jeito de ser;

– *argumento 2*: verdadeira história: espirro mais uma xícara de açúcar,

– *evidências*:

a) “Eu estava com um resfriado terrível, espirrando muito.” (p.6),

b) “Fiquei sem açúcar.” (p.6);

– *argumento 3*: grosseria do Terceiro Porquinho

– *evidências*:

a) “Cai fora daqui, Lobo. Não me amole mais.”(p.18),

b) “E a sua velha vovozinha pode ir às favas.” (p.19)).

Note-se que o argumento três (*grosseria do Terceiro Porquinho*) passa a ser a causa do comportamento do lobo (“...eu estava tentando arrebentar a porta daquele Porco. E todo o tempo eu estava inflando, bufando e espirrando e fazendo uma barulheira.”), que é também explicado pela evidência (a) do argumento dois: “Eu estava com um resfriado terrível, espirrando muito.” (p.6).

– *argumento 4*: “Fui vítima de uma armação.” (p.22) (leia-se *peroração*),

– *explicação*: “Tive um azar: os repórteres descobriram que eu tinha jantado os outros dois porcos. E acharam que a história de um sujeito doente pedindo açúcar emprestado não era muito emocionante. Então enfeitaram e exageraram a história com todo aquele negócio de ‘bufar, assoprar e derrubar sua casa’.”

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A análise realizada vem, em primeiro lugar, reafirmar o uso argumentativo da linguagem. Argumentatividade que faz com que um texto não seja neutro, nem puramente objetivo, mas traga sempre a marca de seu autor, suas escolhas, suas idéias, sua ideologia subjacente: “E não ia me dar nem uma xicrinha para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha. *Que porco!*” (p.19). A escolha do sentido da expressão “que porco!” fica por conta do leitor que, se atento, certamente, notará a duplicidade de sentido e compreenderá a intenção argumentativa do autor. Em segundo lugar, a análise salienta as contribuições da Retórica e da Semântica Argumentativa para a compreensão mais profunda do texto e para as possibilidades de um trabalho pedagógico mais desafiador e variado que poderá contribuir para a formação do leitor proficiente e crítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CITELLI, A. (2000). *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Ática .

FÁVERO, L. L. (1999). Paródia e dialogismo. In: BARROS, Diana & FIORIN, Jose L. (orgs.) *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Edusp.

FIORIN, J. L. (1999). Polifonia Textual e Discursiva. In: BARROS, Diana & FIORIN, Jose L. (orgs.) *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Edusp.

- KLEIMAN, A. (1992). *Oficina de Leitura, teoria e prática*. São Paulo: Pontes.
- _____. (1995). *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. São Paulo: Pontes.
- KLEIMAN, A. & MORAES, S. (1999). *Leitura e Interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- KOCH, I. V. (1989). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- _____. (1992). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- _____. (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
- _____. (1984). *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez .
- LABOV, W. & WALETSKY, J. (1967). "Narrative analysis: oral versions of personal experience". In: HELM, J. (ed.) *Essays on the verbal and visual arts*. Washington, University of Washington Press.
- REBOUL, O. (1998). *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes.

ANEXO

A verdadeira história dos três porquinhos! (Jon Scieska & Lane Smith)

(1) Em todo o mundo, as pessoas conhecem a história dos Três Porquinhos. Ou, pelo menos, acham que conhecem. Mas eu vou contar um segredo. Ninguém conhece a história verdadeira, porque ninguém jamais escutou o *meu* lado da história. (2) Eu sou o lobo. Alexandre T. Lobo. Pode me chamar de Alex. Eu não sei como começou todo esse papo de Lobo Mau, mas está completamente errado. (3) Talvez seja por causa de nossa alimentação. Olha, não é culpa minha se os lobos comem bichos engraçadinhos como coelhos e porquinhos. É apenas nosso jeito de ser. Se os cheeseburgers fossem uma gracinha, todos iam achar que você é Mau. (4) Mas como eu estava dizendo, todo esse papo de Lobo Mau está errado. A verdadeira história é sobre um espirro e uma xícara de açúcar. (5) Esta é a verdadeira história. (6) No tempo do Era Uma Vez, eu estava fazendo um bolo de aniversário para minha querida e amada vovozinha. Eu estava com um resfriado terrível, espirrando muito. Fiquei sem açúcar. (7) Então resolvi pedir uma xícara de açúcar emprestada para o meu vizinho. Agora, esse vizinho era um porco. E não era muito inteligente também. Ele tinha construído a sua casa toda de palha. Dá para acreditar? Quero dizer, quem tem a cabeça no lugar não constrói uma casa de palha. (8) É claro que, assim que bati, a porta caiu. Eu não sou de ir entrando assim na casa dos outros. Então chamei: “Porquinho, Porquinho, você está aí?”. Ninguém respondeu. Eu já estava a ponto de voltar para casa sem o açúcar para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha. (9) Foi quando meu nariz começou a coçar. Senti o espirro vindo. Então inflei. E bufei. (10) E soltei um grande espirro. (11) Sabe o que aconteceu? Aquela maldita casa de palha desmoronou inteirinha. E bem no meio do monte de palha estava o Primeiro Porquinho - mortinho da silva. Ele estava em casa o tempo todo. (12) Seria um desperdício deixar um presunto em excelente estado no meio daquela palha toda. Então eu o comi. Imagine o porquinho como se ele fosse um grande cheeseburger dando sopa. (13) Eu estava me sentindo um pouco melhor. Mas ainda não tinha minha xícara de açúcar. Então fui até a casa do próximo vizinho. Esse vizinho era irmão do Primeiro Porquinho. Ele era um pouco mais esperto, mas não muito. Tinha construído a sua casa com lenha. (14) Toquei a campainha da casa de lenha. Ninguém respondeu. Chamei: “Senhor Porco, senhor Porco, está em casa?”. Ele gritou de volta: “Vá embora Lobo. Você não pode entrar. Estou fazendo a barba de minhas bochechas rechonchudas”. (15) Eu tinha acabado de pegar na maçaneta quando senti outro espirro vindo. Eu inflei. E bufei. E tentei cobrir minha boca, mas soltei um grande espirro. (16) Você não vai acreditar, mas a casa desse sujeito desmoronou igualzinho à do irmão dele. Quando a poeira baixou, lá estava o Segundo Porquinho - Mortinho da silva. Palavra de honra. (17) Na certa você sabe que a comida estraga se ficar abandonada ao relento. Então fiz a única coisa que tinha de ser feita. Jantei de novo. Era o mesmo que repetir um prato. Eu estava ficando empanturrado. Mas estava um pouco melhor do resfriado. E eu ainda não conseguira aquela xícara de açúcar para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha. Então fui até a casa do próximo vizinho. Esse sujeito era

irmão do Primeiro e do Segundo Porquinho. Devia ser o crânio da família. A casa dele era de tijolos. (18) Bati na casa de tijolos. Ninguém respondeu. Eu chamei: “Senhor Porco, o senhor está?”. E sabe o que aquele leitãozinho atrevido me respondeu ? “Cai fora daqui, Lobo. Não me amole mais.” (19) E venham me acusar de grosseria! Ele tinha provavelmente um saco cheio de açúcar. E não ia me dar nem uma xicrinha para o bolo de aniversário da minha querida e amada vovozinha. Que porco! Eu já estava quase indo embora para fazer um lindo cartão de aniversário em vez de um bolo, quando senti um espirro vindo. Eu inflei. E bufei. E espirrei de novo. Então o Terceiro Porquinho gritou: “E a sua velha vovozinha pode ir às favas”. (20) Sabe, sou um cara geralmente bem calmo. Mas, quando alguém fala desse jeito da minha vovozinha, eu perco a cabeça. Quando a polícia chegou, é evidente que eu estava tentando arrebentar a porta daquele Porco. E todo o tempo eu estava inflando, bufando e espirrando e fazendo uma barulheira.

(21) O resto, como dizem, é história. (22) Tive um azar: os repórteres descobriram que eu tinha jantado os outros dois porcos. E acharam que a história de um sujeito doente pedindo açúcar emprestado não era muito emocionante. Então enfeitaram e exageraram a história com todo aquele negócio de “bufar, assoprar e derrubar sua casa”. E fizeram de mim o Lobo Mau. É isso aí. Esta é a verdadeira história. Fui vítima de uma armação. (23) Mas talvez você possa me emprestar uma xícara de açúcar.